

DIMENSÃO; Revista de Poesia, Uberaba, v. 2 n. 2,3, 1981

“E nós, os poetas, inopinadamente encabeçamos a rebelião da alegria”, são palavras de Pablo Neruda em sua autobiografia. E agora se apresentam os resultados da alegre rebelião de alguns valorosos poetas: “Dimensão — Revista de Poesia”, publicada em Uberaba — MG, com colaboradores de vários estados, como por exemplo, Geraldo Dias da Cruz, de Goiás, que assim nos fala no poema “Mãos”:

Hoje não temos o ouro,
o incenso e a mirra
Mas podemos ofertar
nossas mãos vazias de todas as armas.

Com as mãos vazias de armas, estendidas aos irmãos de sensibilidade artística, a revista “Dimensão” surge para que os poetas externem seu júbilo criativo, num espaço próprio ao alcance de todos.

O seu editorial nos fala desse “espaço para a poesia”, onde Guido Brilharinho apresenta, no volume n.º 2, “A Postura do Poeta”: “que o poeta lute por sua arte e pela arte... fazendo-a, construindo-a”. E no volume n.º 3, o editor formula o posicionamento da revista e do poeta, em “A Atuação do Poeta”, onde esclarece que cabe ao próprio poeta conscientizar-se da importância da poesia não apenas para si, mas, para todos, buscando conquistar e dilatar seu campo de abrangência no mundo moderno. Descobrir a beleza através do conhecimento da própria beleza, despertando os fluidos positivos em latência no espírito do homem, como uma nova vida brotando de cada vocábulo de seleção aprimorada, tal como o fruto no poema “As Forças” de Libério Neves (BH/MG):

Profundo, escuta-se
e pétalas estalam
no íntimo sementes
quando nada, palmas
úmidas metálicas
no talo.

Mesmo num mundo conturbado onde os valores de utilidade imediata primam e triunfam, o grupo da revista "Dimensão" acredita na arte, tem fé na poesia, e, por acreditar, merece a nossa admiração e nossos cumprimentos, enquanto nós, leitores, fazemos fé na afirmação de Neide Archanjo (SP):

Na textura da tarde
o poema grava sua estrutura
de signos e raízes
...
o poema se faz
e refaz o mundo.
.....
E é preciso ter coragem
para ser contemporâneo.

Zíóle Zanotto Malhadas

CASTAGNOLA, Luís Paranaênsia. Belo Horizonte, Ed. São Vicente, 1981. 231 p.

A história da cultura do Paraná foi enriquecida com a publicação de *Paranaênsia*, do Prof. P. Luís Castagnola, Catedrático de Língua e Literatura Italiana da Universidade Federal do Paraná.

De importante e valiosa série de obras publicadas pelo autor, é a primeira que transforma em livro uma série de "fragmentos de memórias do passado" em "artigos, ensaios, algumas até modestas ferpas" que "servirão para lembrar fatos agradáveis ou pessoas amigas de nossa vida paranaense de anos passados".

Relembrando fatos de épocas diversas e valores regionais, este ilustre Professor, de vasta e profunda cultura, italiano por nascimento mas brasileiro por opção, que se “sente paranaense, nem por isso menos brasileiro”, expressa em linguagem amena de leitura cativante, a experiência de “anos de intenso trabalho e de luta que se vão perdendo aos poucos na neblina do distante passado”.

Paranaênsia, neologismo latino, enfeixa os seguintes trabalhos, quase todos relacionados com a vida cultural paranaense:

- 1 — Homenagem
- 2 — Paranaênsia — Apresentação. Ao oferecer Paranaênsia ao P. Clovis Duarte Passos, faz o autor rápido retrospecto destes seus últimos trinta anos. Narra a chegada ao Brasil, a pitoresca viagem ao Paraná, quando em 1950 era verdadeira aventura enfrentar as estradas de rodagem, o início no magistério na antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, e outras passagens interessantes que registram a vida cultural e social curitibana.
- 3 — O Lazarista Padre Bos e o Cristo do Corcovado.
- 4 — Absolvido Sete Séculos Depois. Em 1966 Dante Alighieri é absolvido por um tribunal da Itália pela condenação sofrida, fundamentada apenas na “fama pública referente”.
- 5 — Dante Alighieri e a Humanidade. Publicado no Diário do Paraná, por ocasião das comemorações em Curitiba, do sétimo centenário do nascimento de Dante.
- 6 — Santa Luiza de Marilac e a sua Grandiosa obra de Caridade. Artigo em homenagem ao tricentenário da morte de Luiza Marilac, publicado no jornal polonês “Lud”, editado no Paraná.
- 7 — A Finalidade Específica da Universidade Católica. Publicado no Diário do Paraná, por ocasião da criação da Universidade Católica do Paraná.

- 8 — Dante Alighieri Festejado no mundo.
- 9 — Dante Alighieri e a Política.
- 10 — A “Divina Comédia” de Dante Alighieri.
- 11 — Dante Alighieri Pai da Língua Italiana.
- 12 — Pirandello, “Cosi è (se vi pare)” publicado no Diário do Paraná.
- 13 — Alessandro Manzoni o Autor de “Os Noivos”. Ensaio publicado pelo Ministério da Educação e Cultura na Coletânea da Vida e obra de Alessandro Manzoni.
- 14 — De Officio Statistico Vincenctiano Instituendo. Trata da criação de um serviço de estatística vincencial; redigido em latim.
- 15 — Silveira Bueno e L’Italia. Homenagem ao filólogo, crítico literário e autor de várias obras; escrito em italiano.
- 16 — Camões na Itália. Publicado em Arquivos do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Federal do Paraná, por ocasião do 4.º centenário de Os Lusiadas.
- 17 — O Existencialismo e a Metafísica Clássica — conferência proferida durante o II Congresso Brasileiro de Filosofia, realizado em Curitiba.
- 18 — Presença nos Cadernos de Neolatinas — Apresentação de “Cadernos de Neolatinas do antigo Departamento de Letras Neolatinas desta Universidade. Nessa ocasião comunica a tradução de um raro incunáculo de 1562 de autoria de Galeno. A obra em italiano arcaico, pertencente ao acervo da Universidade Federal do Paraná, foi traduzida pelo Prof. Luís Castagnola e pela Profa. Carolina Massi Albanese.
- 19 — Irati: Ieri e Oggi. Em italiano. Refere-se à fundação da Congregação dos Padres Lazaristas em Irati, obra que considerou como pequena odisséia e autêntico pionerismo.

- 20 -- Curitiba: 75 Anni di Presenza Vincenziana. Em italiano. Lembra o trabalho notável mas quase anônimo, em terras paranaenses, dos Lazaristas poloneses, auxiliados pela Companhia das Irmãs de Caridade São Vicente de Paulo.
- 21 — Il Matoso di Rio de Janeiro. Em italiano. Artigo publicado em revista de Turim, Itália, com a finalidade de divulgar no exterior o trabalho das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil.
- 22 — Fundamento e Pressupostos Filosóficos do Direito Penal. Publicado na Revista Logos do Centro Acadêmico da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta Universidade, em 1951.
- 23 — O Presidente Carter e Santa Elizabeth Seton. Publicado no Informativo São Vicente, em abril de 1979.
- 24 — Em que sentido o direito natural é “direito” e é “natural” no pensamento de José Granéris. Publicado em 1954, na Revista da Faculdade de Direito, desta Universidade.
- 25 — Primeiro Milénio da Lingua Italiana. Conferência proferida no Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri, por ocasião da inauguração de sua sede em 1961
- 26 — Escritos Compostos no Paraná. Relação dos livros, traduções, estudos, ensaios, artigos e feras. Com a publicação de Paranaênsia, o Autor presta homenagem ao admirado e amado Paraná, e sensibilizados com essa lição de patriotismo recebemos com gratidão a homenagem, e sentimos nobre orgulho por contarmos em nossa grei uinversitária com o convívio do ilustre Professor P. Luís Castagnola.

Cleusa César de Paula

CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: realismo & sociedade*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981. 152 p.

As sucessivas edições da obra de Érico Veríssimo, citado sempre juntamente com Jorge Amado, como exemplo de raro escritor a viver de direitos autorais, representam a definição de um gosto que surgiu espontâneo, originado diretamente da relação escritor/leitor. Uma segunda edição (a primeira de *Érico Veríssimo: realismo & sociedade* foi em 1976, da Globo) em tão relativamente curto espaço de tempo de um estudo sobre a sua obra, vem demonstrar que o interesse que sempre despertou agora se amplia, quer se aprofundar.

Também significa a obtenção de outro espaço, o espaço acadêmico, pois o estudo de Flávio Loureiro Chaves foi originalmente tese de mestrado. Aliás, um espaço já conquistado, em 1975, na França, onde a obra de Érico Veríssimo se constitui assunto de uma tese defendida na Universidade de Paris III. Ou seja, quando no Brasil o estudo de sua obra ainda não estava previsto nos currículos dos cursos de Letras, presos — como em geral quase todos os currículos — ao estabelecido, ao estático que as leis e os anos protegem, impedindo a renovação das idéias e do gosto.

A análise de Flávio Loureiro Chaves abarca toda a ficção de Érico Veríssimo e se faz cronologicamente a partir de *Fantoches*, publicado em 1971 e seu objetivo é, verdadeiramente, como o título o indica, o estudo do realismo na obra do escritor gaúcho e sua relação com a sociedade.

Inicia-se confrontando a obra de Érico Veríssimo com algumas obras da produção literária de 1930, que, ou inauguram o “moderno regionalismo nordestino”, ou se quiseram ficção como documento político social, ou ainda, se preocuparam com os padrões morais da classe média em ascensão ou com as “variações de vida no atrito da cidade”; e observando que nessa tendência para o romance ensaio irá sobressair a posição de Érico Veríssimo como um autor que precedeu a todos os demais que fizeram romance urbano “no rastro da literatura de interesse social”.

Um interesse social que tanto em *Fantoches* como em *Clarissa* aparecerão apenas como lampejos ou, no dizer de Flávio Loureiro Chaves, como uma inquietação social que já pode ser discernida em dois contos (Chico e Malazarte) ou na figura de Amaro, o frustrado músico de *Clarissa*.

Ou seja, um segundo plano que irá ocupar o escritor no seu próximo livro *Caminhos Cruzados* (“fotografia coletiva”) quando tecerá uma narrativa realista na qual a posição em que os seres ocupam no contexto será fator essencial para entender os dramas, as diferenças de classe de um mundo dividido. Livro onde, para Flávio Loureiro Chaves, se definem o estilo de Érico Veríssimo e alguns dos rumos que irão se manter nos livros que se lhe seguem: discussão e julgamento do social, além da simples revelação da engrenagem social: assim, em *Música ao longe* se trata do diagnóstico da derrocada de uma aristocracia rural; em *Um lugar ao sol*, do traçado de um flagrante da classe média brasileira; em *Olhai os lírios do campo*, da “repulsa” à classe média corrompida; em *Saga*, da denúncia das tiranias; em *O resto é silêncio*, praticamente de uma reelaboração dos temas abordado nos livros anteriores e onde irá transparecer o “núcleo permanente da ficção de Érico Veríssimo: o exercício da liberdade individual” (p. 67) e nas suas últimas páginas irá se inscrever o plano geral de *O tempo e o vento*: magistral “crônica épica”, reconstituição de um passado mítico para projetar as personagens num presente que se esvazia dos ideais heróicos.

Para Flávio Loureiro Chaves, em qualquer uma dessas narrativas acaba por se estabelecer o conflito entre as aspirações de liberdade e a opressão de uma estrutura social que inibe e cerceia. Este conflito se mostrará com mais força nos próximos livros de Érico Veríssimo: *Neite, O prisioneiro, O Senhor Embaixador* onde, intensamente se colocará a crise da identidade.

Então, o realismo social de Érico Veríssimo, derivado de flagrantes da miséria, de desajustes, da desumanização do indivíduo na luta pela sobrevivência, se fará um realismo político e ideológico que os elementos fantásticos de *O incidente em Antares* — ao possibitarem uma posição privile-

giada a esses mortos que voltam conscientes da corrupção social e com o poder de criticá-la sem qualquer ordem de limitações — irão reafirmar.

Trata-se, sem dúvida, de uma trajetória que Flávio Loureiro Chaves sintetiza em poucas linhas: simples fotografia dos caudilhos de Jacarecanga e de Santa Fé, contexto urbano do Brasil Meridional, formulação da dialética histórica de *O tempo e o vento*, limiar absurdo de nossa época “onde a tirania, a violência, o totalitarismo já não são elementos episódicos da intriga, mas referentes simbólicos do mundo em que a perda do humanismo decreta a crise da liberdade” (p. 106). Suficientes para mostrar que o passar do tempo e dos acontecimentos foram transformando o romancista, transformando a sua atitude diante da realidade levando-o a uma revisão de suas posições éticas.

E, assim “o contador de histórias” aparece em uma outra dimensão: a do inquiridor da realidade contemporânea que à corrupção do mundo ficcional opõe a sua ética de humanista concebendo a sua “criação literária a partir duma atitude engajada” (p. 103).

Realmente, era preciso um estudo sobre Érico Veríssimo. Flávio Loureiro Chaves realizou-o e de seu estudo acadêmico aparece um autor que não é somente o contador de histórias descompromissado mas um autor que literariamente, e em certo sentido, esteve a frente de sua época e que preso às suas raízes eludiu um momento literário provincial/nacional, como também óbvias opções ideológico-partidárias para pensar — mesmo quando era inexistente ou existindo apenas como um termo dicionarizado — a liberdade.

Inteligente, lúcido, linear. Escrito com clareza e com objetividade — apanágio de quem ao falar ou escrever deseja, realmente, sem medo, se fazer entender — *Érico Veríssimo: realismo & sociedade* é um livro de obrigatoriedade leitura universitária que certamente atingirá também leitores não especializados. Fará então o invejável caminho universidade-comunidade.

Cecília Teixeira de Oliveira Zokner

DROGUETT, Carlos. Eloy. Trad. Cecilia Zokner. Rio de Janeiro, Codecri, 1981. 107 p.

Octavio Paz em seu livro *Signos em Rotação* (São Paulo, Perspectiva, 1976, p. 145) comenta a evolução literária brasileira e a hispano-americana como simultâneas mas independentes. E acrescenta que: "vítimas das mesmas enfermidades, descobridores das mesmas verdades, enamorados dos mesmos deuses", brasileiros e hispano-americanos continuaram incomunicados, cada qual vivendo a sua realidade. Esta afirmação encaixa-se perfeitamente no momento em que é lançada no Brasil uma pequena (pela extensão) grande (pela qualidade) obra da literatura chilena contemporânea. Publicada em 1959 pela Editora Seix Barral de Barcelona e editada também na Holanda, na Dinamarca, na França, na Itália e na Alemanha, somente agora nos foi possível tê-la em língua portuguesa. Uma lamentável lacuna de vinte e dois anos. Livro de temática universal, livro que aborda a violação do direito humano mais elementar, o simples direito de viver, livro para ser pensado e repensado.

Dizer do argumento é perigoso. Reduzir uma obra-prima a uma dúzia de palavras resumindo o anedótico é supérfluo. Dizer que o discurso relata a angustiante e derradeira noite de um homem perseguido pelos policiais, sendo acuado como um animal, é dizer nada. ("Não é perseguição, é caçada, Eloy, disse para si" — p. 69). A relação dos objetos encontrados no bolso do personagem apresentada na primeira página encaminha o leitor à dedução final. Não há, portanto, a surpresa do desfecho, mas sim a permanência do suspense. Mais que relatar uma trama, o narrador enfatiza o plano mental, levando o leitor a integrar-se na dimensão maior do medo: o terror.

Uma obra literária instaura-se pela linguagem. Esta vale por si. Eloy é assim. Um verdadeiro poema da vida e da morte. A violência da trama contrapõe-se o lirismo do discurso: "e começou a acariciar-lhe docemente o cabelo, enrolando-o no revólver que ainda tinha nas mãos". p. 29. A onipresença da morte é suplantada por uma linguagem que exala vida. Tudo é vital nessa narrativa. Linguagem que la-

teja, que vibra. Elementos de sensações olfativas, presença da flor e do fruto (até a lua é “frutífera” — p. 81), da água, elemento essencial à vida, através dos fenômenos atmosféricos (chuva, neblina); sensualidade, erotismo. Um exemplo: “Mulher com bonita voz, uma voz cheia de coisas, de gente, de desejos não realizados, de horas de vida não vividas” p. 59.

Inspirado foi Rafael Siqueira ao idealizar a capa. Propositalmente ou não, concebe-a de cor violeta e, justamente, a flor violeta é uma presença quase obsessiva dentro da obra: “O vento lhe amontoava perfume nas narinas” (p. 25); “Não existe flor mais mulher que a violeta” (p. 26); “relincharia cheirando as violetas” (p. 34); “O cheiro das violetas se lhe amontoou na cara” (p. 106). Inclusive, um tapete de violetas será o leito de morte do personagem. Acrescente-se toda a conotação religiosa que essa cor encerra.

Coube a Cecília Zokner a missão mais ingrata (ela diria a mais grata, tratando-se de Carlos Drummond de Andrade). Traduzir é difícil. Traduzir uma obra literária, muito mais. Grande responsabilidade. E aqui nos remetemos ao famoso “traduzir/ trair”. Cecília Zokner não o traiu por várias razões. Conhece pessoalmente o autor. É conhecedora profunda da língua espanhola falada na América. Mas, não o traiu, acima de tudo, por sua sensibilidade que a fez captar toda a poesia do texto original.

Por último, uma pergunta e uma resposta. Que quer dizer Eloy? “O escolhido”. Reflitam.

Leonilda Ambrozio

ESTUDOS sobre o modernismo, de Marta Moraes da Costa, João Roberto G. de Faria, Rosse Marye Bernardi, Denise A. D. Guimarães e Marilene Weinhardt. Curitiba, Criar, 1982. 162 p.

Compõem o volume cinco estudos sobre o Modernismo, de autoria de cinco professores da Universidade Federal do Paraná, numa edição comemorativa dos 60 anos da Semana de Arte Moderna, realizada em S. Paulo, em 1922.

Apesar de já se ter escrito muito sobre o tema, ainda não se disse tudo e estes excelentes estudos o comprovam, embora os autores confessem desde logo, na apresentação, terem chegado atrasados à deglutição do bispo Pero Sardinha no banquete modernista, julgando-se "comensais em sonho e observadores da festa", reconhecendo, porém, tratar-se de um momento decisivo para a nossa história cultural, mas "com o paladar depois do fato", sem deixar, portanto, de participar dele intelectual e imaginariamente.

E ainda acentuam serem trabalhos de diferentes feituras, embora de propósitos semelhantes.

Coube o primeiro à Prof.^a Marta Moraes da Costa, que discorre sobre a sua principal figura, que foi indiscutivelmente Mário de Andrade, o primeiro a falar-nos com espírito crítico da consciência criadora nacional, como companheiro mais velho e experiente de todos os participantes do movimento, que tanto ajudou a todos, tanto em relação à sua obra de criação como de crítica, esta exercida — talvez a autora não o tenha se estendido a um aspecto considerado, a nosso ver, importantíssimo: o de sua extensa correspondência, gênero em que ele foi maior do que Flaubert na Literatura Francesa. Hoje, realmente, não se pode prescindir do Mário de Andrade epistológrafo, e cuja correspondência ainda não foi reunida inteiramente em alguns volumes bem alentados.

Nela, verdadeiramente, encontramos tudo que ele pensou, leu e sentiu para ser mesmo um escritor modernista. De qualquer modo, a autora, dentro dos limites do ensaio a que se propôs, soube vislumbrar a significação do poeta, do crítico e do ficcionista em toda a sua brasiliade, alargada a sua pesquisa desde a literatura até ao folclore, desde a culinária até à música e o mito, enriquecendo e aprofundando os seus conhecimentos em viagens empreendidas ao Norte, Nordeste e Centro do Brasil. A pesquisa do nacional, como se sabe, levou-o à libertação da tendência estreitamente regional, chegando mesmo muito bem a alcançar a polaridade de nossa tradição cultural, a sua continuidade, abstraída de marcos cronológicos, em sua permanente pesquisa estética, muito bem analisada pela autora, que soube fixar a poética do Modernismo, voltado para os flashes do cotidiano, para fazer entrar na literatura o prosaico e o popular, o cotidiano do burguês e das cidades, assim como o instantâneo da vida do interior e dos sentimentos mais simples, sem descurar, é claro, a forma, primordial para ele. Na verdade, ele não concebia nenhum artista que nesse plano não procurasse realizar-se com perfeição. Assim, haveria muita coisa que respingar nesse estudo, que põe em relevo o papel do intelectual modernista e a consciência crítica do autor tratado e de sua crítica “dirigida por uma dolorosa consciência do mundo, dos homens e de si mesmo”.

O segundo estudo pertence ao Prof. João Roberto Gomes de Faria, que aborda a questão da língua brasileira em Mário de Andrade. Problema dos mais sérios, soube elevê-lo com largueza de vista, em que o experimentalismo e o exagero eram atitudes comprehensíveis e válidas na busca de um novo código literário, destinado “a substituir a retorique desgastada da geração parnasiana” e sem o qual nunca dariamos “uma alma ao Brasil”, como reconhecia o próprio Mário, exigindo um sacrifício, mas um sacrifício que fosse sublime e grandioso como esse. Aliás, nesse sentido, são feitas muitas referências fundamentais em relação a certas dicções portuguesas, mas que já tínhamos abandonado no Brasil, para conseguir o que Mário pretendia alcançar, ou seja uma sonoridade mais familiar, um ritmo mais dengoso e balan-

çado, próprio desta nossa raça misturada de índio e de negro. Era preciso fundir em nossa linguagem literária uma sintaxe um pouco diferente e uma terminologia de todas as partes do país, buscando "fusionar lingüisticamente a desigual, desmantelada, despatriada entidade nacional". São analisadas até as versões diferentes introduzidas por Mário nessa matéria, sendo também levada em conta a célebre Carta em estilo quinhentista que figura em *Macunaíma*, "uma espécie de anti-modelo de estilo". Foi preciso mesmo que Mário forçasse a nota para chamar a atenção sobre esse grande problema, ainda que a sua intenção — como bem acentua o professor — fosse declinar dos exageros no futuro, quando o problema estivesse em marcha, chegando a despeito de tudo, o maior responsável direto pela forma de expressão mais livre adquirida pelos escritores brasileiros foi inegavelmente ela mesma, cuja presença espiritual se sente tanto na poesia de Drummond como na prosa de um José Lins do Rego ou mesmo de um Guimarães Rosa.

O terceiro estudo trata da "transleitura" do Modernismo, cabendo à Prof.^a Rosse Marye Bernardi que, efetivamente, representa alguma coisa de original e de novo acrescendida à história do movimento. Para nós agora o predecessor da modernidade no Brasil não é mais Sousândrade, como muitos dizem. Esse predecessor é Gregório de Matos, cuja aproximação é feita com Oswald de Andrade sobretudo pelo mesmo uso que fizeram ambos da linguagem. Através mesmo desse produto social, que é a linguagem, os dois se aproximam, explicando ou contestando o mundo e a imagem que dele faziam os seus contemporânetos. Chega mesmo a ser admirável esse estudo comparativo, mostrando quanto a crítica é panorâmica, para atingir o aspecto social, político e econômico — coisa que ambos os autores fizeram, numa linguagem contaminada de um vocabulário extremamente popular ou inventivo. Sob, pois, uma perspectiva ampla, que pode ser aprofundada, fica assim mesmo bem comprovada a similaridade entre as obras dos dois poetas. Na realidade, os exemplos analisados são mais do que suficientes "para sugerir que a obra revolucionária de Oswald de Andrade, inserindo-se dentro de um processo de conhecimento e inter-

pretação da realidade nacional, realiza-se como um dos exemplos maiores da modernidade brasileira". O mesmo aconteceria a Gregório de Matos em outra época, mas, na verdade, os dois se encontram para além do tempo, na intemporalidade da poesia satírica. De qualquer modo, o paralelo admirável feito deve mesmo ser definido em termos da modernidade existente em suas obras, "capazes de suportar a mesma ótica de leitura e de sugerir espíritos extraordinariamente objetivos. Ambos poetas-inventores, que não estabeleciam diferenças entre viver e criar. Ambos irmãos pelo vanguardismo na arte e pela escolha do contexto político-social: "ambos contrários ao sistema vigente, ambos optam pela luta em vez dos favores". Com efeito, "ambos nos legaram o seu próprio tempo, a sua própria época numa linguagem que traz as marcas do sempre futuro. Modernidade."

Ocupando-se da poética do Modernismo e de suas projeções, a Prof.^a Denise Azevedo Duarte Guimarães, vendo antes as discordâncias de idéias existentes no movimento, empresta mais ênfase à inquietação renovadora dominante na época, unânime e difusa, alcançando essa inquietação repercuções acentuadas na arte brasileira, tanto no plano artístico, como no plano estético e no plano técnico-expressivo. Quer dizer, antes de mais nada, que eram enfatizados os elementos semânticos, através de "uma consciência de linguagem que visa criar a tensão semântica ou uma semantização de outra ordem, apoiada na relação inter-códigos", para usar de sua própria linguagem. De qualquer modo, era uma poesia da época, qualquer que fosse a separação existente dentro do movimento, que não seguia os moldes convencionais. A libertação do verso livre, a assimilação dos princípios estéticos da vanguarda européia, assim como a divulgação dos gêneros poéticos orientais, o desenvolvimento do estilo telegráfico na publicidade e na imprensa, a influência do cinema e de suas imagens simultâneas acabaram marcando a produção poética em geral. Vários exemplos são arrolados, para mostrar sobretudo que essas influências todas se fazem sentir na poesia contemporânea e até nas letras das canções populares.

O último estudo, de autoria da Prof.^a Marilene Weinhardt, também bastante curioso, representa uma análise da "Semana de Arte Moderna" e de suas repercuções no Suplemento literário d'O Estado de São Paulo, coisa que ainda não se fez completamente, queremos crer. Nesse sentido, não seria possível deixar de acrescentar o papel desempenhado pelo crítico Tristão de Athayde, mas que escrevia em O Jornal do Rio de Janeiro e foi contudo cognominado de "crítico do Modernismo" e, é claro, também da Semana, sem ser modernista. Muito proveitosa, contudo, essa colocação, ou essa "proposta de trabalho" que tem em vista verificar o importante papel desse Suplemento Literário como órgão de divulgação e também de apoio à pesquisa que ele sugere.

A verdade é que estamos diante de uma contribuição muito séria e que enriquece substancialmente o conhecimento desse grande instante vivido não só pela intelectualidade paulista, mas também brasileira.

T. L.

ENGEL, Guido Irineu. **Estrutura e redação de dissertação e tese**. Curitiba, 1982. 55 p.

Professor de Métodos e Técnicas da UFPR, o Autor decidiu enfeixar em pequeno volume as informações básicas e mais freqüentemente solicitadas por sucessivas levas de mestrandos que se defrontam, atônitos, com a tarefa da tese. Segundo muitos desses estudantes, os livros disponíveis sobre o assunto costumam pecar por um de dois extremos: ou bem se excedem em minúcias, tornando difícil a consulta, ou bem silenciam sobre aspectos importantes da estrutura da tese. Já em seu opúsculo, o Prof. Engel parece ter buscado exatamente a justa medida entre a quantidade e a relevância das informações, selecionando e reunindo as orientações essenciais em menos de 50 páginas. Um belo feito.

A obra está dividida em quatro partes: Introdução, Estrutura da Dissertação e Tese, Orientação para a Redação de Trabalhos Científicos e Conclusão. Em anexo são apresentados modelos de elementos formais, como a capa do

trabalho, assim como de estruturas de pesquisas (de campo, experimentais...).

O Autor foi particularmente feliz na segunda parte, justamente a mais importante. Nela é exposta com clareza e segurança a questão do problema de pesquisa, item que poucos roteiros abordam e muitas dissertações trazem mal formulado.

De feição agradável e fácil manuseio, é livro que terá certamente a melhor das acolhidas.

José Luiz Mercer

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A. Dos Autores.

- CURVELLO, Aricy. **Os dias selvagens te ensinam.** Belo Horizonte, Veiga, 1979. 96 p.
- JOSÉ, Elias. **A dança das descobertas.** Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1982. 144 p.

B. Das Edições Achiamé.

- CAMPOS, Reynaldo Pompeu de. **Repressão judicial no Estado Novo: esquerda e direita no banco dos réus.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 180 p.
- CLEINMAN, Betch. **Capital da libido: os E.U.A. em M.M.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 164 p.
- HOFFMANN, Linneu. **Astrologia: análise de um mito.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 100 p.
- HUGUENEY, Clodoaldo. **Uma vida no sertão do Araguaia.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 217 p.
- LANDMANN, Jayme. **Evitando a saúde & promovendo a doença.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 188 p.
- SIMÕES, Sylvio. **Fantoches.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 90 p.

C. De John Benjamins B. V. Publisher.

- BICHAKJIAN, Bernard H. (ed.) **From linguistics to literature: romance studies offered to Francis M. Rogers.** Amsterdam, John Benjamins B. V., 1981. 292 p.